



Representações Domésticas
Tragédias & Farsas de Pouca Duração

José Viale Moutinho

Prefácio de César Príncipe

Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.

Av. de António José de Almeida

1000-042 Lisboa

www.incm.pt

editorial.apoiocliente@incm.pt

livraria.camoes@incm.com.br

© *Sociedade Portuguesa de Autores*
e *Imprensa Nacional-Casa da Moeda*

Título: Representações Domésticas

Tragédias & Farsas de Pouca Duração

Autor: José Viale Moutinho

Concepção gráfica: UED — Unidade Editorial

Capa: Silvadesigners

Revisão do texto: INCM/MRC — Marcação, Revisão e Composição

Tiragem: 500 exemplares

Edição: Outubro de 2011

ISBN: 978-972-27-2008-3

Depósito legal: 333 733/11

Edição n.º 1018349

Co-edição Sociedade Portuguesa de Autores/Imprensa Nacional-Casa da Moeda



Representações Domésticas
Tragédias & Farsas de Pouca Duração

José Viale Moutinho

Prefácio de César Príncipe



O TEATRO ESTÁ NA RUA

De certa maneira, todos somos dramaturgos, actores, espectadores. Uns mais do que outros. Alguns com mais qualidade de representação/encenação. Mas a capacidade de elevar o pano literário e coreográfico inscreve-se na tradição das artes cénicas. Viale Moutinho desafia os palcos com quatro diálogos e um monólogo. O argumentário ajusta-se ao Realismo Histórico, em português neo-vicentino, espécie de Novos Autos da Lusitânia, Hispânia, Germânia. Os cenários dos séculos xv/xvi não destoam assim tanto dos cenários dos séculos xx/xxi. Bastará um relance pelos títulos: *Terminou a Guerra, Aquele Que se Dispõe a Dizer Tudo, Crónica de Um Sem-Abrigo, Monólogo do Último Soldado, A Sagrada Família do Tempo da Outra Senhora.*

Aqui se relembra, para além do corte do verbo e do recorte plástico, que as guerras não acabam. Santas ou profanas. Descaradas ou encobertas. Terminou a Guerra? Franco *dixit*. Bush *dixit*. Obama *dixit*. Terminou um episódio. Reactiva-se ou transfere-se o *teatro de operações*. E que conclusão sobre o *que se dispõe a dizer tudo*? Não sentem o formatar de uma sociedade securitária, o aproximar de uma nebulosa totalitária? *Heil Hitler!* Então, invadia-se, explorava-se,

torturava-se, deportava-se, fuzilava-se, cremava-se. Entre os alvos de limpeza estavam, na primeira linha de exclusão/liquidação, comunistas, judeus, ciganos, homossexuais. Hoje, voltam a estar na mira comunistas e ciganos (judeus e homossexuais, de momento, andam bem vistos). *Heil Sarkozy?* Estimados espectadores, e o que nos contará um sem-abrigo da idade média electrónica? E não surpreendemos, no *coliseum* mediático, azogados repórteres, apregoadores da mercadoria contra o mérito, da decapitação social contra a identidade cultural? E depois da *Sagrada Família* não se instalou uma Laica *Famiglia*? Onde nos conduzirá este concurso de *capos*, esta cidadania de *chips*?

O Teatro de Viale usa luminotecnia, sonoplastia, personagens e máscaras de todos os séculos. Actual é o que nos faz compreender o passado e avisar o futuro. O Teatro de Viale é um teatro de urgência. Na companhia de Luís Veiga Leitão, Luís Pimentel, Erich Fried, José Gomes Ferreira, Francisco Molla. Poetas convocados para a denúncia da renúncia. Também para a grande farsa da paz e dos direitos num sistema beligerante/cleptocrático/alienatório. Em 1974, Sophia de Mello Breyner Andersen exclamou no 1.º de Maio: «*A poesia está na rua.*» Em 2010, Viale Moutinho coloca um cartaz nos tapumes: *O Teatro Está na Rua.* Comparecei.

CÉSAR PRÍNCIPE